

Imagens da Ditadura Militar Brasileira nos romances de Caio Fernando Abreu, Bernardo Carvalho e Milton Hatoum

Milena Mulatti Magri

Resumo

Neste trabalho apresentamos os principais objetivos da pesquisa de Doutorado em andamento, que visa analisar imagens do regime militar brasileiro em romances publicados após o processo de redemocratização. O *corpus* selecionado constitui-se dos romances *Onde andaré Dulce Veiga?*, de Caio Fernando Abreu, *Os bêbados e os sonâmbulos*, de Bernardo Carvalho, e *Dois irmãos*, de Milton Hatoum, publicados respectivamente em 1990, 1996 e 2000. Segundo Paulo Sérgio Pinheiro (1991), o autoritarismo que caracterizou o governo militar não se encerra com a reabertura política, sobrevivendo aos novos governos civis eleitos. Interessa-nos investigar a problematização, na literatura, da relação entre narrador e autoridade. O estudo de Maria Lúcia Dal Farra (1978) apresenta que o narrador, seja ele em primeira ou em terceira pessoa, ocupa um papel central na elaboração de um romance, o que nos permite compreender que a ele é conferido o papel de autoridade narrativa. Diante disso, propomos a investigação sobre uma possível alteração na concepção do narrador contemporâneo em função de uma relação conflituosa entre narrador e autoridade, como forma de se desvencilhar da postura autoritária que caracterizou o regime militar. Acreditamos que a elaboração de um romance que se utilize da memória fragmentária; da constituição de um narrador testemunha; e da construção de um foco narrativo múltiplo seja uma possível solução formal para este problema colocado entre narrador e autoridade. Isto porque tais recursos literários encenam uma descentralização do narrador, no romance. As obras selecionadas como *corpus* de pesquisa apresentam narradores que recuperam fragmentos do passado para recompor histórias familiares ou pessoais que remetem ao período do governo militar. Estes fragmentos são articulados na construção de uma narrativa alegórica, entendida a partir do conceito de história e de alegoria em Walter Benjamin (2005; 2011).

Palavras-chave

ditadura militar brasileira; narrador; literatura brasileira contemporânea

¹ Aluna de Doutorado do Programa de Literatura Brasileira da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), sob orientação do Prof. Dr. Jaime Ginzburg. Pesquisa realizada com bolsa FAPESP. E-mail: milenamagri@yahoo.com.br.

A ditadura militar brasileira configura-se como um trauma para nossa história recente. Este período caracteriza-se por uma postura autoritária do Estado, principalmente no que diz respeito à ação contra seus opositores. As violências cometidas pelos militares durante os chamados “anos de chumbo” deixaram marcas em nossa história e perduram, por outros meios, em nossa sociedade atual.

Paulo Sérgio Pinheiro (1991) dedica-se à investigação das heranças deste período na sociedade brasileira após a redemocratização. O autor tem por objetivo discernir os componentes responsáveis na sociedade brasileira por caracterizá-la como tradicionalmente autoritária daquilo que seria específico da postura autoritária do governo militar. Logo, Pinheiro dedica-se à investigação sobre quais seriam os traços autoritários da sociedade brasileira que serão reforçados durante os anos do regime e quais teriam sido especialmente gerados pelo governo ditatorial, permanecendo mesmo após a transição para a democracia. Para o autor, o autoritarismo do regime militar não termina com o fim deste período histórico, sobrevivendo às transições políticas e, mesmo, aos novos governos civis eleitos. Isso porque as relações de poder “não estão somente nos centros da cena política”, mas também “nos microcontextos, onde ocorrem as relações concretas entre as classes, os grupos sociais” (PINHEIRO, 1991, p. 52). Pinheiro ressalta a importância de se averiguar os comportamentos com “padrões autoritários que podem estar nas ‘pequenas autoridades’ que se aperfeiçoaram e se desenvolveram nos períodos da ditadura” (PINHEIRO, 1991, p. 56).

Verifica-se que tanto no campo sócio-político quanto cultural a ditadura militar brasileira constitui uma memória traumática para as gerações que a vivenciaram. A experiência do trauma violenta o sujeito a ponto de dificultar a verbalização de sua experiência. “O *trauma* é a ferida aberta na alma, ou no corpo, por acontecimentos violentos, recalçados ou não, mas que não conseguem ser elaborados simbolicamente, em particular sob a forma de palavra, pelo sujeito.” (GAGNEBIN, 2009, p. 110). Interessa-nos o estudo de como romances brasileiros publicados após o processo de redemocratização apresentam essa experiência traumática.

Nosso trabalho propõe as seguintes questões: de que maneira os romances produzidos no período posterior ao regime militar brasileiro problematizam a relação entre narrador e autoridade? E tendo em vista que este momento da história política configura-se como um trauma para a sociedade civil, dadas as violências cometidas pelo regime militar, como pensar um narrador no romance brasileiro que apresente as relações entre narração e trauma?

Com base no estudo de Maria Lúcia Dal Farra (1978), vemos que o narrador, seja este em primeira ou em terceira pessoa, ocupa um papel central, na narrativa, detendo as informações que serão narradas e, sobretudo, o modo como serão narradas. Neste sentido, podemos pensar que ele ocupa o papel de autoridade dentro do romance. Sendo o narrador uma figura que representa a centralidade do poder, na narrativa, cabe a pergunta se ele sofre alguma alteração em sua concepção, em função de uma relação conflituosa entre este narrador e a ideia de autoridade. A princípio, consideramos que a elaboração de um romance que se utilize 1) da memória fragmentária; 2) da constituição de um narrador testemunha; e 3) da construção de um foco narrativo múltiplo; seja uma possível solução estética para este problema colocado entre narrador e autoridade. Isto porque tais recursos estéticos encenam uma descentralização do narrador, no romance.

Caio Fernando Abreu, Bernardo Carvalho e Milton Hatoum apresentam em suas obras fragmentos desse período da história e da política brasileira. *Onde anda rá Dulce Veiga?*, publicado em 1990, por Caio Fernando Abreu, apresenta a história de um jornalista que procura pelo paradeiro da cantora Dulce Veiga, desaparecida durante o período do regime militar. *Os bêbados e os sonâmbulos*, publicado em 1996, por Bernardo Carvalho, apresenta um testemunho de uma sessão de tortura durante a ditadura. Em *Dois irmãos*, publicado em 2000, por Milton Hatoum, o narrador nos apresenta a história de sua família bem como as transformações históricas do período, sobretudo nos anos 1960.

Os narradores dos três romances se apresentam como testemunhas de um momento histórico vivido como traumático. O narrador protagonista do romance de Caio

Fernando Abreu, a muito custo, recupera a memória de haver presenciado o aprisionamento de Saul, ex-namorado de Dulce Veiga, no apartamento da cantora. Este episódio estava soterrado em seu inconsciente. O protagonista de Bernardo Carvalho se torna testemunha indireta ao ouvir a narração da sessão de tortura, promovida durante os anos de regime militar. Em Milton Hatoum, o narrador é testemunha do espancamento seguido de morte de seu professor, pelos militares, em praça pública. Este episódio se configura como uma memória traumática para o narrador.

Estas narrativas se sustentam de uma elaboração essencialmente fragmentária, o que permite associá-las à figura benjaminiana do *chiffonnier* – o sucateiro ou o trapeiro que sobrevive de recolher os restos daquilo que foi rejeitado pela sociedade de consumo (Cf. BENJAMIM, 1989; GAGNEBIN, 2009). O narrador protagonista do romance de Caio Fernando Abreu constrói uma narração que se aproxima do gênero policial. Sem dominar o rumo dos acontecimentos, o narrador nos apresenta o desconforto por não saber qual o caminho a seguir. O que lhe resta é recolher informações desconexas sobre o passado de Dulce Veiga e sobre pessoas que conviveram com ela. O protagonista também recupera o diário de Dulce Veiga, que estava abandonado, a partir do qual ele descobre o paradeiro da cantora. No romance de Bernardo Carvalho, verifica-se que a elaboração da narrativa se constrói por meio do encadeamento de histórias que se comunicam de modo tangencial, por meio de detalhes periféricos. A justaposição dessas histórias permite uma compreensão fragmentária do enredo. A constituição de uma narrativa a partir dos detalhes aproxima esse narrador da figura do *chiffonnier*. No romance de Milton Hatoum, acompanhamos o esforço do narrador, Nael, para recolher as diferentes versões das histórias narradas por sua mãe e seu avô, somadas àquilo que ele próprio presenciou. Esse gesto que valoriza a recolha de elementos dispersos e em vias de serem para sempre esquecidos também nos remete ao *chiffonnier* benjaminiano.

As imagens de passado e presente se sobrepõem, nos romances, e apontam para uma interpretação alegórica das heranças do passado político. A alegoria aqui exposta baseia-se no modo de Walter Benjamin (Cf. 2005; 2011) compreender este conceito. Para

Benjamin, a alegoria se caracteriza como uma forma de interpretação que privilegia a suscetibilidade do objeto ao tempo, não comportando, por isso, um sentido único e determinado. A alegoria permite se aproximar daquilo que se apresenta de modo incompleto e do que não se pode compreender facilmente. Este modo de interpretação é significativo para compreender o modo como os romances apresentam imagens da ditadura militar brasileira. O protagonista de *Onde andará Dulce Veiga?* se depara com imagens do passado que se manifestam em visões que ele tem da cantora desaparecida. Tais visões se apresentam como um fantasma desse passado incompreensível, que continua a assombrá-lo. Em *Os bêbados e os sonâmbulos*, percebemos uma sobreposição entre memória e espaço que permite reconstruir o ambiente de medo e opressão vivenciados durante os anos de ditadura militar. Além disso, o narrador protagonista sofre de uma doença – um tumor na cabeça que culminará na sua morte. O fato de que o narrador – justamente aquele que porta uma memória dos anos de ditadura militar – esteja sob o risco de morte por conta da doença reforça a ideia de uma memória da ditadura que corre o risco de se apagar para sempre. Já o romance *Dois irmãos* elabora imagens recorrentes de violência que remontam à paternidade desconhecida do narrador e à violência que supostamente teria sido cometida em sua concepção – um estupro. Uma destas imagens recupera, justamente, um momento crítico do regime militar brasileiro, ocorrido logo em seguida ao golpe militar.

Referências bibliográficas

ABREU, Caio Fernando. *Onde andaré Dulce Veiga?* Um romance B. Rio de Janeiro: Agir, 2007.

BENJAMIN, Walter. Paris do segundo império. In: _____. *Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo*. Trad. José Martins Barbosa & Hemerson Alves Baptista. 1 ed. São Paulo: Brasiliense, 1989, p. 9-101.

_____. Sobre o conceito de história. Trad. Jeanne Marie Gagnebin e Marcos Lutz Müller. In: LÖWY, Michael. *Walter Benjamin: aviso de incêndio*. São Paulo: Boitempo, 2005, p. 41-142.

_____. *Origem do drama trágico alemão*. Edição e tradução João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

CARVALHO, Bernardo. *Os bêbados e os sonâmbulos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DAL FARRA, Maria Lúcia. Percurso teórico. In: _____. *O narrador ensimesmado*. São Paulo: Ática, 1978.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Ed. 34, 2009.

HATOUM, Milton. *Dois irmãos*. 4ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

PINHEIRO, Paulo Sérgio. Autoritarismo e transição. *Revista USP*. São Paulo, USP, p. 45-56, 1991.